

## editorial

O movimento de mulheres começa a se envolver mais diretamente com temas antes reservados aos especialistas. A importância de discutirmos temas que questionam o modelo de desenvolvimento capitalista, como o dos transgênicos, está na ordem do dia.

Nesse sentido, a SOF, o ESPLAR e a FASE realizam no Rio de Janeiro, em maio, um seminário para trabalhadoras rurais com a finalidade de ampliar o debate sobre o tema e a participação das mulheres na campanha *Por um Brasil Livre dos Transgênicos*. Para contribuir nessa direção, trazemos aqui, o artigo de Miriam Nobre, nos introduzindo nos diversos matizes dessa temática, incluindo indagações sobre as implicações para a sobrevivência cotidiana das mulheres e das famílias.

Está também na ordem do dia, a discussão do assédio sexual, em evidência na opinião pública devido ao projeto de lei apresentado pela Deputada Iara Bernardi que aguarda votação no Senado Federal. Para contribuir com os debates, traduzimos o verbete do Dicionário Crítico do Feminismo referente ao assédio, que traz uma síntese do percurso histórico-político dessa questão.

Comemoramos também a nossa aproximação com artistas da Vila Madalena cujo trabalho atual sintoniza com nossas preocupações em denunciar as estratégias de controle do corpo das mulheres.

As Semprevivas.

Tarsila do Amaral, "A feira II", 1925, óleo sobre tela.



## Transgênicos: assunto de mulheres

por Miriam Nobre

Os transgênicos radicalizam o modelo capitalista da chamada "revolução verde". Este modelo é baseado na monocultura em grandes áreas, mecanização e uso intensivo de insumos externos. O agricultor compra sementes produzidas por empresas privadas a partir do "melhoramento" genético para produtividade, resposta à adubação. Compra adubo químico, herbicida, veneno para matar lagartas, ácaros, fungos. Compra tratores, implementos e muito óleo diesel. E para comprar tudo isto, os agricultores fazem dívidas no banco. O balanço desta "revolução" mostra que a produtividade agrícola média cresceu, mas aumentou a destruição dos solos, da água, da atmosfera. Milhões de famílias de agricultores perderam suas terras e a fome aumentou. Cresceram as indústrias de insumos que se concentraram em umas poucas multinacionais. As mes-

mas que agora produzem sementes transgênicas.

Os transgênicos são organismos geneticamente modificados pela ação humana visando a transferência de características de uma planta, vírus ou bactéria para outra planta. A soja *round up ready*, por exemplo, produzida pela empresa Monsanto recebeu genes de outra planta da mesma família, resistente ao herbicida *round up* (também produzido pela Monsanto) para que ela própria se torne resistente.

### Determinismo genético

Esta técnica parte do princípio de que é possível identificar um gene, ou conjunto de genes, que determina uma característica, em uma relação direta de causa e efeito. A relação entre a base genética e o meio ambiente é desconsiderada e a complexidade da própria base genética é diminuída.

continuação da capa

Esta complexidade atrai muita atenção nos últimos tempos devido à descrição do genoma humano, o conjunto de genes dos seres humanos, publicada no ano passado. O projeto de mapear o genoma se iniciou com um consórcio público. No meio do caminho, o cientista Craig Venter rompeu com o consórcio e criou uma empresa privada. Dentre as empresas que pagam 5 milhões por ano para ter acesso às informações do seqüenciamento dos genes humanos está a Novartis, também produtora de sementes transgênicas

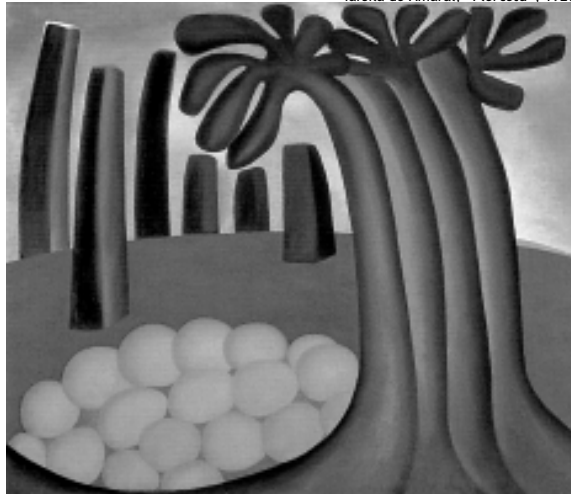
O mapa do genoma reabriu o debate sobre o determinismo genético. Os seres humanos têm cerca de 30 mil genes, 300 a mais do que o rato. Portanto a diferença entre as espécies não estaria nos genes, mas na interação entre eles. O mapa do genoma mostra que 3 a 5% do DNA tem capacidade para produzir e regular a atividade de todas as proteínas que constituem o organismo. Uma outra parte tem a função de regular a ação dos genes. E ainda resta uma grande parte sem função conhecida que é chamada pelos cientistas de DNA-lixo. Outras pesquisas mostram que o DNA não sintetiza proteínas sozinho, ele necessita de enzimas cooperativas. Estes mecanismos enzimáticos fazem com que um mesmo gene possa produzir várias proteínas e uma mesma proteína pode surgir de vários genes diferentes.

Enquanto cientistas debatem até mesmo se existe *o gene*, as multinacionais correm atrás do “retorno” de seus investimentos sem se preocuparem com os riscos destas incertezas.

### Cultivo comercial de transgênicos

Mais de 80% do plantio de transgênicos se concentram nos Estados Unidos, Canadá e Argentina. Lá já se encontram evidências de aumento no uso de agrotóxicos, poluição genética

Tarsila do Amaral, "Floresta", 1929.



(transmissão não controlada de genes modificados para outras plantas da mesma família), e da ocorrência de superpragas resistentes aos métodos de controle convencionais e mesmo aos transgênicos. É por isto que companhias seguradoras estão resistindo a assumir os riscos das culturas transgênicas. As empresas produtoras de transgênicos lavam as mãos. Segundo elas, os organismos geneticamente modificados (OGMs) são iguais aos organismos da natureza e portanto não oferecem riscos. A opinião muda quando se trata de requerer patentes: o OGM passa a ser uma criação da empresa que quer ser remunerada por isto. O agricultor que plantar uma semente colhida de sua lavoura de transgênicos está infringindo a lei. Lei, por sinal, imposta pelo GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio).

### Os transgênicos e as mulheres

As multinacionais propagandeam uma futura geração de transgênicos com alterações nutricionais. Volta o velho discurso da tecnologia para acabar com a fome. O povo brasileiro come arroz com feijão e garante em sua dieta os aminoácidos essenciais. Pois a idéia é acrescentar ao arroz o aminoácido que lhe falta e não precisaremos mais comer feijão.

A hiper tecnologia na produção agrícola e no beneficiamento dos alimentos

é uma boa resposta à luta feminista pela redução do trabalho doméstico? A “revolução verde”, com a redução do trabalho pela mecanização e o uso de herbicidas, não liberou as mulheres do cabo da enxada?

O progresso técnico tem sido dirigido à busca do lucro de empresas cada vez mais oligopolizadas. Pensar um outro modelo de desenvolvimento, implica em outros investimentos no acúmulo de conhecimento e no progresso. As agricultoras selecionaram durante anos, variedades de plantas para produtividade, rusticidade, sabor. O cultivo de transgênicos põe em risco a biodiversidade e é um retrocesso para o patrimônio cultural da humanidade.

Sobre o trabalho doméstico, não dá para aceitar como resposta única o consumo individualizado das famílias. Por que não pensar no direito à pelo menos uma refeição por dia balanceada, colorida, gostosa e por que não, orgânica. Na merenda escolar, em restaurantes populares, nos locais de trabalho.

Por que não imaginar a dedicação de tempo igual entre as pessoas da casa com alimentação de qualidade para todos. Isto implica em jornadas menores de trabalho, menos tempo no trânsito,... Uma semente que não seja objeto da busca incessante do lucro, livre dos monopólios, nos faz pensar em uma sociedade que não seja fundada na mercadoria.

## Assédio Sexual

por Carme Alemany\*

As definições são extremamente variáveis. Certos países, Alemanha e Áustria por exemplo, dão a esta expressão uma acepção mais ampla incluindo todas as alusões sexistas; outros, como a França, se atêm a uma definição legal mais estreita, visando apenas o assédio sexual exercido por um superior hierárquico. Essa denominação designa todas as condutas de natureza sexual, tais como expressões físicas, verbais ou não verbais, que são propostas ou impostas às pessoas contra sua vontade, notadamente sobre seu local de trabalho, e que significa atentado a sua dignidade. A maior parte desses comportamentos é dirigida contra as mulheres e constitui uma expressão de poder dos homens sobre as mulheres.

### Uma noção nova para um problema antigo

Muitas gerações de mulheres foram, e são ainda, submetidas à solicitações de ordem sexual, não desejadas... Marie-Victoire Louis, analisando a condição das mulheres no momento de surgimento do assalariamento, escreve: “Os direitos de uso dos corpos das mulheres, compreendendo sua dimensão sexual, foram perpetuados no seio da relação salarial”.

Foram as feministas americanas da Universidade de Cornell que, nos anos 70, designaram pela primeira vez sob o nome de assédio sexual esse tipo de conduta masculina. Elas se referiam então, mais concretamente, às práticas advindas dentro do quadro das relações de trabalho com os homens. A partir de 1975, esse conceito se generaliza nos países anglo-saxões. Apesar das análises feministas, o assédio sexual não foi considerado como um fenômeno importante até os anos 1980.

No domínio jurídico, Catherine

Mackinnon (1979) nos EUA foi a primeira a introduzir o conceito de assédio sexual no âmbito da doutrina legal e apresentando-o como sendo uma forma de discriminação sexual(...).

Nos países europeus, esse conceito de assédio sexual também foi adotado. Foi em meados dos anos 1980 que foi reconhecida verdadeiramente a importância do problema, sobretudo dentro do quadro do trabalho. Em 1987, a Comissão Européia publica o primeiro relatório sobre a questão, definindo o assédio sexual como “uma conduta verbal ou física de natureza sexual na qual o autor sabe ou deveria saber que ela é ofensiva para a vítima”. Esse documento permitiu obter conhecimento da situação em diferentes países europeus. Assim, reco-

te em outras situações. Outras, ao contrário, se centram no campo do trabalho e mostram em particular que o assédio sexual é um elemento determinante da segregação no mercado de trabalho.(...)

Na França, as associações feministas (dentre elas, a L'AVFT, criada em 1985) são as primeiras a reivindicar a sanção legal do assédio sexual. Elas propõem, desde 1990, uma definição inspirada nos textos da Comunidade Européia e nos conceitos norte-americanos, que incluem o assédio sexual exercido por colegas de trabalho e a chantagem sexual exercida por um superior hierárquico. Mas discussão do fenômeno rapidamente se limitou aos debates parlamentares... O medo dos parlamentares de se abusar do conceito fez com que o

Henry Moore, *Figura Inclinada*.



menda a elaboração de uma diretriz comunitária para prevenir o assédio sexual no mundo do trabalho, proteger as trabalhadoras contra o risco e encorajar os empregadores a instituir e manter um ambiente de trabalho isento de qualquer assédio sexual.

### As diferentes abordagens segundo o país

Há diferentes abordagens da questão. Certas feministas americanas se recusam a limitar o fenômeno às relações de trabalho, porque elas o consideram como uma forma de relações de poder homem/mulher que se exerce igualmen-

limitasse a uma definição fundada unicamente sobre o abuso de autoridade com finalidade de obter favores sexuais.

Atualmente os debates sobre a questão são consideravelmente de baixa intensidade salvo na Itália onde se interroga ainda sobre a pertinência de votar uma lei. Nos outros países, as associações feministas e comissões de mulheres sindicalistas se esforçam por dar apoio jurídico e psicológico às mulheres que denunciam esse tipo de agressão.

\* Verbete elaborado pela autora, traduzido do Dicionário Crítico do Feminismo coordenado por Hirata, H. Laborie, F., Le Doaré, H. e Senotier, D. Paris: PUF, 2000.

